



Guerra do Contestado: uma proposta de trabalhar as manifestações culturais através do rádio¹

Fabiola Raphaela Thibes²

Vanessa Sabóia Zappia³

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná

Resumo

Esta pesquisa pretende trabalhar a cultura popular da região onde ocorreu a Guerra do Contestado, em Santa Catarina. Serão analisadas manifestações culturais presentes no cotidiano e na memória e imaginário coletivos dos habitantes da região que tiveram contato direto com esse fato histórico. O suporte escolhido para trazer essa cultura para os meios de comunicação de massa é o rádio, que abordará esse assunto em profundidade em um programa especial. Ele trará relatos de fontes envolvidas com o fato e exemplos de como essa cultura sobrevive nas músicas, contos e causos, alimentação e na fé do povo.

Palavras-chave

Antropologia Cultural; Folkcomunicação; Guerra do Contestado; Radiojornalismo.

Corpo do trabalho

1. Introdução

Este artigo pretende abordar alguns aspectos culturais da região onde ocorreu a Guerra do Contestado, em Santa Catarina. Os hábitos e costumes culturais já existiam desde antes do período da Guerra, mas foi durante os quatro anos de luta que muitos costumes consolidaram-se e modificaram-se. Nessa época, milhares de pessoas da região passaram a viver de maneira coletiva, partilhando os momentos culturais, como festas, alimentação, orações, etc. Os contos, causos e lembranças criaram um imaginário coletivo, ainda permanente na região.

Como suporte para trabalhar esse folclore num meio de comunicação de massa foi escolhido o rádio, porque uma de suas características principais é a de trabalhar a imaginação, podendo ser reconstituído na mente dos ouvintes do programa os hábitos e costumes da região. Portanto, foi optado pelo gênero radiofônico jornalístico e pelo formato de programa especial, aliando, dessa forma, informação e educação através de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação do 4º ano do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. E-mail: fabiola_thibes@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: zap_vanessa@hotmail.com.



relatos de fontes, incluindo causos, contos, orações, receitas de comidas e outros hábitos ainda presentes entre os descendentes de sertanejos e de fazendeiros que lutaram na Guerra do Contestado.

Para trabalhar as informações jornalísticas, são utilizadas também a Teoria Culturalógica e a Folkcomunicação que, juntamente com o rádio, permitem que a prática seja realizada e que, assim, algumas potencialidades do rádio como meio de comunicação de massa sejam demonstradas através da divulgação de uma cultura popular.

Os hábitos escolhidos para serem abordados no programa são os relativos à religiosidade, à alimentação e aos contos/causos. Essa escolha foi realizada a partir de um trabalho de investigação (entrevistas) junto às fontes envolvidas diretamente com a Guerra do Contestado. Verificou-se, então, que a maioria dessas manifestações culturais não estão mais presentes no cotidiano da população, pois passaram pelo processo de aculturação. Porém, ainda estão presentes na memória dos habitantes daquela comunidade e em alguns detalhes do dia-a-dia deles, como as comidas que são feitas para alimentá-los e a maneira de prepará-las; a devoção a santos e, principalmente, a São João Maria; a fé existente no povo, que mistura práticas católicas e de outras religiões com as práticas que eles mesmos adquiriram com o tempo.

A ideia é divulgar esse programa especial retratando a cultura dessa comunidade, para que ela seja mostrada aos habitantes da região que não têm contato com ela e para que seja reavivada na mente daqueles que participam dessa comunidade. O intuito, portanto, é a divulgação na região contestada, mais especificamente no oeste e meio-oeste catarinense, tanto em rádios comunitárias quanto em rádios comerciais.

2. Contexto Histórico

A Guerra do Contestado ocorreu entre os anos de 1912 e 1916 em Santa Catarina e no Paraná. Esta pesquisa aborda apenas a região catarinense, totalizando cerca de 28 mil km² que compreendem parte das regiões oeste e meio-oeste do Estado. Apesar de o nome do movimento referir-se apenas à disputa de limites entre Paraná e Santa Catarina, o principal motivo desta Guerra ter durado quatro anos foi a luta dos sertanejos por melhores condições de vida e para terem acesso à terra.

O problema começou com os coroneis [utilizando o termo no sentido que Paulo Pinheiro Machado utilizou no seu livro “Lideranças do Contestado: a formação e a



atuação das chefias caboclas (1912-1916)” (2004, p. 91), como sendo coronel não apenas aquele que possuía grandes propriedades, mas também aquele que possui algum tipo de poder]⁴ e com as companhias Brazil Railway e Brazil Southern Lumber & Colonization, ambas de Percival Farquhar. Os coroneis exerciam o poder nas cidades e vilas da região, deixando explícita a disparidade social existente. A Brazil Railway era a empresa encarregada de construir a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e obteve, do Governo Federal, até 15km de terra de cada lado da ferrovia. A decisão de construir a São Paulo-Rio Grande foi tomada pelo Governo porque, em meados de 1800, a Argentina havia reivindicado a posse daquela região, sendo que o Brasil ganhou a disputa apenas em 1895.

O curso da Estrada de Ferro seguiu o do Rio do Peixe, no meio-oeste catarinense. Esse traçado também era seguido pelos tropeiros, que, com isso, perderam sua fonte de renda. Mas eles foram contratados para construir aquele trecho da ferrovia [sobre esse assunto contraditório entre historiadores, é utilizada a pesquisa de Paulo Pinheiro Machado (2004, p. 144), que afirma que a maioria dos trabalhadores da São Paulo-Rio Grande eram da região e não provinham das grandes cidades]⁵. Tendo sido concluído o trecho da ferrovia em 1910, aqueles trabalhadores foram expulsos das suas terras, já que elas tinham sido dadas como forma de pagamento à Brazil Railway. É nesse momento que entra a atuação da Brazil Lumber & Colonization Co. Essa empresa de Farquhar era, na época, a maior madeireira da América Latina. Ela explorava ao máximo as riquezas naturais da região para poder vender a madeira. Os habitantes do oeste e meio-oeste catarinense ficaram, portanto, sem a segunda fonte de renda que possuíam: a extração da erva mate. Para agravar a situação, a Lumber trazia imigrantes de várias nacionalidades, que povoaram e colonizaram a região. Era o ideal republicano, a europeização, já que a maioria da população brasileira era considerada “atrasada” pelos republicanos, incluindo nesse conceito os sertanejos da região contestada.

A situação precária dos habitantes fez com que os monges que passaram pela região tivessem uma grande influência sobre eles. No total foram três monges, que apareceram em momentos diferentes e que se personificam para o sertanejo em apenas um ou no máximo dois monges. O primeiro foi João Maria (mais conhecido por São

⁴ “Derivada do termo 'coronel', a mais alta patente concedida pela Guarda Nacional, o coronelismo, ou poder local dos grandes proprietários rurais e comerciantes, encontrou no primeiro sistema político republicano amplas condições de autonomia, adequadas ao exercício de mando local e regional, até mesmo como base para as situações e oposições políticas estaduais”. MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2004.

⁵ MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2004.



João Maria), o único reconhecido por todos os habitantes do planalto catarinense. Ele era um italiano de nome João Maria D'Agostini que apareceu pela primeira vez no planalto em 1840. Ele não permitia aglomeração de pessoas à sua volta, vivia em constante peregrinação, só comia frutas, verduras e leite e estava sempre com um cajado e um gorro de pele de jaguatirica. Pelo fato de João Maria sempre usar esse gorro, alguns memorialistas catarinenses, como Vicente Telles, de Irani, afirmam que isso deveria ser o símbolo de Santa Catarina, criando uma identidade regional (informação verbal)⁶.

O segundo monge era chamado João Maria de Jesus. Porém seu nome verdadeiro era Anástas Marcaf e ele era um imigrante sírio. Veio de Buenos Aires e esteve em Santa Catarina entre 1890 e 1908. As práticas mais comuns desse João Maria foram cruzeiros erigidos, olhos d'água com águas santas foram sinalizados e ele também não permitia aglomeração de pessoas ao seu redor. A diferença em relação ao São João Maria era o fato de Anástas ser monarquista, de ter uma relação complicada com o clero católico da região, de fazer batizados e de ter um discurso apocalíptico. Ele ficou conhecido pelos “milagres” e “curas” que fazia.

Já o terceiro monge foi José Maria, conhecido como o monge das armas por ter lutado na Guerra do Contestado. Ele apareceu na região em 1912, início do conflito armado, e seu nome era Miguel Lucena de Boaventura, identificado como um maragato da Revolução Federalista, que ocorreu entre 1893 e 1895. Após o término da Revolução, ele foi ao Paraná e a Santa Catarina para não ser preso. As práticas de José Maria eram fazer benzimentos, usar ervas para chás e remédios e fazer batizados. A diferença em relação aos outros dois monges é que ele insuflou a população para a Guerra.

Os monges exerceram essa grande influência porque eles criaram um imaginário coletivo na mente da população do planalto. Isso foi realizado através dos discursos que eles pregavam [João Maria de Jesus teria afirmado, certa vez, ao frei Rogério Neuhaus que apenas dizia “o que o povo queria ouvir” (MACHADO, 2004, p. 170)]⁷ e a partir de coisas simples, que faziam parte do cotidiano da população sertaneja, tornando mais fácil e resignada a vida daquele povo. Um exemplo disso são as “curas” feitas através de chás e de remédios de plantas que amenizavam o sofrimento dos doentes, já que eles não possuíam o tratamento adequado pela falta de médicos na região.

⁶ Entrevista concedida à autora, em 21 de junho de 2008.

⁷ MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2004.



Outra demonstração é em relação à religiosidade do povo sertanejo. Os padres da região eram poucos e de nacionalidade alemã. Eles tinham dificuldade em pronunciar o português e rezavam a missa de costas para os fieis, o que representava uma afronta aos sertanejos. Os habitantes do planalto já possuíam suas práticas religiosas antes mesmo da chegada do clero católico, mas essas manifestações foram impedidas de serem realizadas após a chegada dos padres. Em contraposição, os monges falavam um português simples, usando metáforas para melhorar o entendimento da população. O “abismo” criado entre o povo e o clero católico permitiu que os sertanejos passassem a acreditar em José Maria, que dizia que eles deveriam lutar contra os coroneis e seus desmandos porque assim viria o Exército Encantado de São Sebastião que implantaria no planalto uma cidade santa, onde reinaria a fartura e a paz.

Em 1912 os sertanejos e José Maria firmaram o que é considerado o primeiro reduto da Guerra do Contestado em Taquaruçu (atualmente interior de Fraiburgo, Santa Catarina). Eles estavam comemorando uma data religiosa, mas José Maria teve problemas com o coronel Albuquerque, superintendente municipal de Curitiba. Portanto, ele e alguns fieis foram para Irani, então distrito de Palmas, para evitar um confronto com Albuquerque. Essa atitude foi interpretada pelo governo paranaense como uma invasão do governo catarinense para fazer valer os resultados a favor de Santa Catarina na questão de limites. Foi enviado, então, o coronel João Gualberto (hoje patrono da Polícia Militar do Paraná) e o embate foi travado no amanhecer do dia 22 de outubro de 1912. Como resultado, vários sertanejos e militares foram mortos, sendo que a perda maior foi de militares. Morreram, também, nesse entrevero João Gualberto e José Maria.

Como o monge tinha dito antes da luta que morreria no primeiro embate e que ressuscitaria após um ano, os sertanejos voltaram para suas casas e, passado esse período, a “virgem”⁸ Teodora, de apenas 11 anos, passou a afirmar que tinha visões de José Maria dizendo que eles deveriam reunir-se novamente em Taquaruçu. E assim foi feito. Após o retorno aos redutos, vários foram os combates travados entre sertanejos e militares. A falta de comida e água e a crescente adesão de fieis fizeram com que o Exército começasse a ganhar os conflitos, o que culminou no término da Guerra em 1916. Os sertanejos entregaram-se ou foram capturados e seus descendentes foram

⁸ Ser “virgem” dentro dos redutos não se restringia à condição sexual. O termo era usado para aquelas mulheres que tinham visões dos monges. Dizia-se que elas tinham “bom aço”. Um exemplo é que no reduto de Santa Maria teve uma “virgem” com 40 anos de idade, casada e com dois filhos. MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2004.



relegados a territórios específicos, passando por um processo de exclusão social. Isso aconteceu porque os imigrantes que povoaram a região trouxeram suas manifestações culturais e implantaram-nas. Além disso, tinham preconceito em relação aos sertanejos, que ainda é verificado na região contestada. Os sertanejos são conhecidos como “bandidos de cruz na testa” e “jagunços”, sendo que uma das cidades que mais recebeu descendentes de sertanejos, Lebon Régis, é considerada uma cidade sem lei e na qual “tudo se resolve a facão”. Segundo Paulo Pinheiro Machado (2004, p. 41)⁹:

Os vazios demográficos deixados como resultado do conflito, principalmente em virtude da violência de sua fase final, foram preenchidos por pequenos agricultores de origem européia, formando em algumas cidades (como Videira, Fraiburgo e Treze Tílias) algo semelhante a um *apartheid social e étnico* entre a recente população migrante (branca, 'disciplinada' e economicamente remediada) e a antiga população cabocla (mestiça ou de cor, 'indolente', 'turbulenta' e pobre). (Grifo do autor)

A discriminação pela qual os sertanejos passam até hoje faz com que eles vivam nas cidades onde antigamente existiam os redutos e que exista uma coletividade entre eles, causada pela ajuda mútua que eles necessitaram para sobreviver. Essa coletividade foi construída com o passar dos anos através do repasse oral da memória. As práticas e as manifestações culturais reproduzidas por esse grupo social também foram repassadas de geração para geração.

3. Cultura e Folkcomunicação

As práticas inseridas na comunidade dos descendentes de sertanejos e fazendeiros que lutaram na Guerra do Contestado fazem parte da cultura, algo inerente ao ser humano. É ela que complexifica as atitudes humanas, que constroi a rede de relações sociais e que faz com que os homens possuam o seu próprio repertório. Mas o ser humano também cria a cultura, porque ela não é estanque; está em constante movimento e aprofundamento. O ser humano tem o poder de reinventar seus hábitos, seus costumes, de reconstruir sua história e modificar sua cultura como melhor lhe aprouver. Ou seja, existe uma relação de mão dupla entre ser humano e cultura. Ambos adaptam-se um ao outro no meio em que estão inseridos (CUCHE, 2002, p. 10)¹⁰.

⁹ MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2004.

¹⁰ CUCHE, Denys. A Noção de Cultura nas Ciências Sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed.. Bauru, SP: EDUSC, 2002.



Durante o processo de complexificação pelo qual ser humano e cultura passaram, aconteceram diferenciações entre os grupos sociais. Foram estabelecidos subgrupos que produziram subculturas. Ou seja, existe uma cultura maior, a cultura da elite, que domina a dos grupos marginalizados (no sentido de estarem à margem da sociedade). Mas a cultura destes subgrupos acabam tendo contato umas com as outras, interpenetrando-se, apesar de continuarem mantendo a sua individualidade. Foi exatamente isso que aconteceu com a cultura dos sertanejos: ela teve contato com a cultura dos colonos imigrantes e recebeu algumas influências, mas manteve a sua identidade.

As práticas inseridas nos subgrupos culturais são concretizadas de muitas maneiras e uma delas é o folclore. O folclore individualiza os grupos sociais e é uma espécie de reação às imposições da cultura dominante. Segundo Satriani (1986, p. 71)¹¹:

Num sentido geral e, portanto, necessariamente genérico, o folclore é o testemunho de uma recusa cultural, de uma resposta negativa, da resistência das classes subalternas ao processo de aculturação tentado pelas classes dominantes, ao se confrontarem, através de formas que mascaram com maior ou menor habilidade, a violência nelas inata. O folclore constitui, conseqüentemente, em boa parte, uma manifestação freqüentemente implícita da recusa das classes subalternas a serem absorvidas em um sistema cultural que as predestina ao papel de vítimas; que isso, depois acabe acontecendo, na realidade não depende igualmente, do poder de decisão das classes subalternas, mas estas se recusam a ser absorvidas *sem protesto*, por uma cultura que não é a sua, mas que a ela se volta para capturá-la. (Grifo do autor)

O folclore, portanto, é o aspecto cultural que faz com que os subgrupos coexistam sem perder as suas identidades, porém passando pela aculturação, que é a mescla de manifestações culturais de dois ou mais grupos sociais. É o folclore que transmite os valores ideológicos, simbologias, signos, etc, e é ele também que documenta todos os hábitos, práticas e costumes que são realizados dentro daquele grupo social (SATRIANI, 1986, p. 51)¹².

Para trazer à tona o folclore e a cultura dos subgrupos sociais foi criada a folkcomunicação. O termo foi cunhado por Luiz Beltrão em 1967 e a ideia ficou incompleta até 1980¹³. Pode-se definir folkcomunicação, segundo Beltrão (1980, p. 26,

¹¹ SATRIANI, Luigi M. Lombardi. Antropologia Cultural e Análise da Cultura Subalterna. Tradução de Josildeth Gomes Consorte. São Paulo: HUCITEC, 1986, p. 71.

¹² Ibid., p. 51.

¹³ MELO, José Marques de. Luiz Beltrão: um pioneiro dos estudos de folkcomunicação no Brasil. Ci. Inf. Revista Latina de Comunicação Social, n. 21. Disponível em <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999dse/46beltrao.htm>. Acesso em 06 de junho de 2009.



grifo do autor)¹⁴, “...como o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”. O objetivo de Beltrão ao criar essa ideia foi trazer para os meios de comunicação de massa segmentos culturais que não são abordados pela imprensa comum e que, justamente por isso, estão relegados a segundo plano.

Os subgrupos culturais existentes não são mostrados ao resto da sociedade. A falta de comunicação faz com que eles fiquem separados uns dos outros e que a dominação da cultura da elite seja cada vez mais facilmente imposta. Porém, essa situação pode ser invertida – ou, pelo menos, amenizada – com a folkcomunicação, porque ela ajuda a tirar esses subgrupos culturais da margem da sociedade, inserindo-os no processo de produção dos meios de comunicação de massa.

No caso desta pesquisa, dentro de um grupo de cultura maior e mais abrangente (culturas brasileira, sulina e catarinense) está inserido o subgrupo dos indivíduos que partilham a cultura que provém da região contestada. O grupo social analisado por esta pesquisa está enquadrado no conceito de marginalizado, porque são excluídos socialmente no local onde vivem e também porque não possuem acesso ao processo de produção dos meios de comunicação de massa. A cultura desse grupo tem seus jeitos, maneiras de se portar, de se alimentar, de orar, têm seus próprios santos (que muitas vezes são contraditórios com a religião oficial que seguem) e seus ritos (que, infelizmente, estão perdendo-se por conta do tempo e do repasse deles para as novas gerações).

Trazer esse subgrupo cultural para a mídia convencional através da folkcomunicação é fazer com que a cultura por eles praticada seja explicada e mostrada a outros grupos sociais, além de ficar registrada, para que possa ser mantida e retransmitida por mais tempo. Portanto, a contribuição da folkcomunicação, nesse caso, é a de aliar a comunicação, a cultura e aquela comunidade que não participa do processo dos meios de comunicação de massa. É uma tentativa de dar voz àqueles que estão à margem da sociedade e dos meios de comunicação convencionais.

Registrar as manifestações culturais dos habitantes da região contestada é importante porque a cultura deles foi repassada de geração para geração. Essa atitude constroi na memória dos indivíduos as lembranças dos rituais, das palavras usadas na linguagem, dos hábitos e dos costumes que foram ensinados e vividos quando eles ainda

¹⁴ BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.



eram crianças. Permanecem registrados os cheiros, os gostos, as músicas e cada uma dessas lembranças traz um sentimento que é reavivado pelo cérebro quando alguma coisa faz o indivíduo lembrar desses momentos.

As práticas culturais ficam retidas na memória e criam o imaginário coletivo daquela comunidade. É a memória e o imaginário coletivos que fazem com que as pessoas saídas de seus grupos sociais originais continuem tendo as mesmas atitudes, hábitos e costumes de antes e que os repassem a seus descendentes. É justamente esse movimento que faz a permanência da cultura por gerações, mesmo que grande parte dela fique apenas na memória e nos pequenos detalhes, como a alimentação, caso do grupo em destaque neste trabalho. Nesse momento entra o conceito de consciência coletiva proposto por Durkheim, sociólogo e criador da antropologia francesa, que estudou os fenômenos culturais.

Para ele [Durkheim], existe em todas as sociedades uma 'consciência coletiva', feita das representações coletivas, dos ideais, dos valores e dos sentimentos comuns a todos os seus indivíduos. Esta consciência coletiva precede o indivíduo, impõe-se a ele, é exterior e transcendente a ele: há descontinuidade entre a consciência coletiva e a consciência individual, e a primeira é 'superior' à segunda, por ser mais complexa e indeterminada. É a consciência coletiva que realiza a unidade e a coesão de uma sociedade. (CUCHE, 2002, p. 57)¹⁵

No grupo trabalhado nesta pesquisa, pode-se ressaltar que a consciência coletiva foi ampliada por terem passado por um processo de violência social e cultural durante o período da Guerra do Contestado. Cuche (2002, p. 191) afirma que o sentimento de injustiça leva a uma vinculação maior à coletividade, à identidade social e, portanto, à consciência coletiva. Quanto maior for esse sentimento de injustiça, maior será a identificação entre os indivíduos deste grupo. Com base nestes conceitos, pode-se deduzir que isso ocorreu com os habitantes da região contestada em Santa Catarina.

4. Teoria Culturológica

A ligação desses conceitos de cultura com a comunicação também passa pela teoria culturológica, e não apenas pela folkcomunicação. O principal expoente da teoria culturológica é Edgard Morin, que analisou a cultura e relacionou-a ao termo indústria cultural (diferente do sentido dado pelos teóricos da Escola de Frankfurt, já que, para

¹⁵ CUCHE, Denys. A Noção de Cultura nas Ciências Sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed..Bauru, SP: EDUSC, 2002.



Morin, a indústria cultural não é algo necessariamente ruim). Morin afirma que “a indústria cultural precisa de unidades necessariamente individualizadas” (MORIN, 1967, p. 28)¹⁶. Isso significa que o folclore reforça a cultura geral de um país, ou seja, reforça a indústria cultural. É a relação ambígua que o folclore possui: o de nascer como contestação, mas, por apropriar-se de elementos da cultura dominante (fato inevitável), o folclore acaba tornando-se a maneira mais eficaz de manter o status quo daquela sociedade, permitindo a singularidade e a individualidade dos subgrupos pertencentes ao grande grupo cultural dominante.

Morin também reforça a ideia da padronização necessária à individualização abordando a questão do sincretismo, ou seja, padronizar aquilo que é individual. Ideia próxima à da folkcomunicação, porque esta traz as manifestações culturais de um grupo isolado para os meios de comunicação de massa, padronizando-os. Porém, é bom ressaltar, como já foi feito anteriormente, que isso não exclui a singularidade, apenas permite a aculturação.

5. Radiojornalismo

Para trabalhar a cultura da região contestada em Santa Catarina e trazê-la para os meios de comunicação foi escolhido o rádio como suporte. O rádio foi a opção porque desde o seu início, em 1922, ele tinha a intenção de aliar a comunicação e a educação (ideia pensada por Roquete Pinto, pai da radiodifusão brasileira). Essa ideia foi pensada porque a população brasileira era, na maioria, analfabeta¹⁷. Os que possuíam educação formal eram poucos. E o rádio veio preencher a lacuna existente de auxiliar na educação formal daqueles que não tinham condições de frequentar uma escola.

O barateamento dos aparelhos e a possibilidade de que qualquer pessoa tivesse acesso às informações veiculadas pelo rádio (já que ele não exige alfabetização) fizeram com que habitantes dos lugares mais longínquos do país tivessem acesso a esse meio de comunicação, que foi o primeiro a divulgar as informações em grande escala (porque o impresso é restrito aos alfabetizados). Conforme foi passando o tempo, o rádio evoluiu e demonstrou suas características, sendo que uma das principais é a de trabalhar o imaginário do ouvinte.

¹⁶ MORIN, Edgard. *A Cultura de Massa no Século XX: o espírito do tempo*. São Paulo: Forense, 1967.

¹⁷ Na década de 20 havia mais de 43 milhões de brasileiros que possuíam cinco anos ou mais e que estavam em idade de alfabetização. Porém, desse total, quase 30 milhões eram analfabetos. Dados retirados de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002008100003&script=sci_arttext. Acesso em 06 de junho de 2009.



Diferentemente dos outros meios de comunicação, o rádio mexe com a imaginação, faz com que o ouvinte desprenda-se da sua própria realidade e entre num mundo de fantasia, criado por ele mesmo com a ajuda do que é narrado pelo locutor.

A diferença é que essas imagens interiores, produzidas na mente, não podem ser confundidas com as imagens que se vê numa tela. São imagens muito mais ricas – podem comportar três dimensões, e também incluir sensações táteis, olfativas, auditivas – e também muito mais econômicas: muitas vezes são dispensadas sem que isso prejudique a comunicação. (MEDITSCH, p. 11)¹⁸

A linguagem do rádio e as imagens criadas na mente do ouvinte fazem com que este sinta-se pertencente àquela comunidade e reconstrua em sua memória os fatos que estão sendo narrados. Essa reconstrução dos fatos que ocorre na memória, e que pode ser influenciada pelo rádio, está totalmente ligada à ideia da consciência coletiva, já que a mente só pode reconstruir e imaginar cenas que já estão, de alguma forma, no inconsciente do indivíduo.

Trabalhar, então, a cultura da região contestada através do rádio permite que o relato das fontes reconstrua a realidade do que aconteceu e que ainda está na memória daqueles habitantes. É uma maneira de reavivar a memória daquela comunidade e de repassar para as novas gerações os costumes e hábitos dela, mas também demonstrar essas manifestações para os que não pertencem a esse grupo social, fazendo com que eles possam conhecer e criar um imaginário sobre elas.

(...) o rádio possui uma importante função social: atua como agente de informação e formação do coletivo. Desde a sua gênese vem se firmando como um serviço de utilidade pública, o qual exerce uma comunicação que muito contribui para a história da humanidade. Deixa como legado princípios como ação, atuação, transformação e mobilização (BARBOSA FILHO, 2003, p. 49)¹⁹

5.1. Gênero e Formato Radiofônicos

Para realizar um produto radiofônico, é necessário escolher um gênero e um formato que sejam os mais adequados. Os gêneros são o instrumento no qual os conteúdos e os programas devem ser encaixados. Eles definem qual a forma do programa e a classificação radiofônica começa por eles. Os gêneros existentes são jornalístico, educativo-cultural, de entretenimento e publicitário (BARBOSA FILHO,

¹⁸ MEDITSCH, Eduardo. A Nova Era do Rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.html>. Acesso em 26 de abril de 2009.

¹⁹ BARBOSA FILHO, André. Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.



1996)²⁰. Dentre todos, o mais indicado para esse trabalho é o jornalístico, porque esse gênero requer uma pesquisa profunda que deve ser realizada antes da divulgação dos fatos. No caso deste trabalho, entrevistas, pesquisa bibliográfica sobre a Guerra do Contestado e idas à região dão o suporte necessário para que apenas fatos verídicos sejam narrados durante o programa. Outro motivo para esse gênero ter sido escolhido é porque ele está comprometido com a informação e a educação, que, como foi citado anteriormente, era um dos objetivos do rádio ao ser introduzido no Brasil. E para que as manifestações culturais dos habitantes da região contestada sejam mostrados e divulgados é necessário trabalhar com esses dois vieses, a educação e a informação, através da folkcomunicação, para que o trabalho tenha a veracidade necessária ao se trabalhar um momento e um fato históricos.

Já o formato é o modelo no qual o programa está enquadrado. É ele que, após receber o tratamento plástico, concretiza-se no programa radiofônico. Um gênero é dividido em vários formatos. Como nesta pesquisa está sendo utilizado o gênero jornalístico, os formatos desse gênero são: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas redondas ou debates, programas policiais, programas esportivos e divulgação técnico-científica (BARBOSA FILHO, 1996)²¹. Inserido no formato de documentário jornalístico, verifica-se que há o estilo do programa especial, citado por alguns autores, como McLeish (2001, p. 197)²², mas enquadrado como documentário jornalístico por outros, como André Barbosa Filho (1996, p. 56)²³. Barbosa Filho cita Gisela Ortriwano informando que a autora considera o programa especial com o nome de informativo especial.

Para realizar o intuito desta pesquisa há três opções de formato: documentário, programa especial e reportagem. Todos esses formatos são próximos, exigem aprofundamento no assunto, trilha sonora condizente com o que está sendo narrado e grande trabalho de pesquisa para que o script seja realizado. Mas o programa especial permite trazer exemplos de como a cultura persiste ao tempo, caso deste trabalho. A ideia deste programa especial é trazer causos, cantigas, histórias, receitas culinárias,

²⁰ ----- Gêneros Radiofônicos: tipificação dos formatos em áudio. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 1996.

²¹ BARBOSA FILHO, André. Gêneros Radiofônicos: tipificação dos formatos em áudio. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 1996.

²² MCLEISH, Robert. Produção de Rádio: um guia abrangente da produção radiofônica. 2 ed.. Vol. 62. São Paulo: Summus, 2001.

²³ BARBOSA FILHO, André. Gêneros Radiofônicos: tipificação dos formatos em áudio. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 1996.



música como elemento informativo, exemplos de orações e relatos detalhados de como as manifestações culturais de fato ocorriam e ainda ocorrem na região. Os próprios entrevistados relatarão suas experiências, contarão partes da história de suas vidas, mantendo o foco nos aspectos culturais que, de alguma forma, ainda estão presentes. Como afirma McLeish (2001, p. 197)²⁴ o programa especial “... não lida tanto com questões, mas com eventos, e em sua essência está a arte de contar histórias”.

6. Metodologia do Programa

Para realizar a parte prática do programa especial foram escolhidas seis fontes, sendo que três já estão confirmadas, porque o relato já foi gravado. As fontes foram escolhidas de acordo com a proximidade e conhecimento sobre a Guerra do Contestado e os aspectos culturais que eram praticados na época e que ainda perduram. A escolha por essas fontes também ocorreu porque pretende-se demonstrar o lado de historiadores, de descendentes de sertanejos e de fazendeiros, para que todos sejam contemplados. As entrevistas confirmadas são Nercina Gomes Peppes do Valle (moradora de Lebon Régis e neta do fazendeiro Neco Peppe, morto em sua fazenda por sertanejos), Vicente Telles (memorialista residente em Irani e descendente de sertanejos por parte da mãe e de fazendeiros por parte do pai) e Enori Pozzo (morador de Curitiba, radialista e também descendente de fazendeiros e sertanejos). As outras três entrevistas serão realizadas em julho e pretende-se entrevistar Pedro Felisbino (memorialista e morador de Taquaruçu), Antônio Fabrício das Neves (descendente de sertanejos localizado em Irani) e Delmir Valentini (professor da Universidade do Contestado e doutor no assunto Guerra do Contestado). Para o caso de uma das entrevistas não dar certo há outras fontes que podem substituir.

As fontes também foram escolhidas de acordo com a localização geográfica. Como o território que compreende a região contestada é enorme, foram pegadas quatro cidades como amostragem. São elas Irani, Lebon Régis, Curitiba e Taquaruçu. Irani é importante historicamente porque foi montado reduto nessa localidade e, principalmente, porque foi em Irani que ocorreu o primeiro combate da Guerra, onde morreram João Gualberto e o monge José Maria. Lebon Régis tem importância atual porque recebeu muitos descendentes de sertanejos, tendo um bairro exclusivo para essa

²⁴ MCLEISH, Robert. *Produção de Rádio: um guia abrangente da produção radiofônica*. 2 ed.. Vol. 62. São Paulo: Summus, 2001.



comunidade. Curitibaanos, assim como Irani, é considerada historicamente por ter sido uma das cidades mais importantes da região e que foi incendiada em setembro de 1914 pelos sertanejos. Já Taquaruçu é considerada por vários historiadores como a mais importante historicamente porque lá foi montado o primeiro reduto e também porque, um ano após a morte do monge, os sertanejos reuniram-se novamente e montaram reduto em Taquaruçu.

Portanto, primeiramente houve a pesquisa bibliográfica e o reconhecimento da região para que essa amostragem fosse escolhida. Ao entrar na fase de entrevistas, foi optada pela entrevista aberta para que o entrevistado pudesse falar abertamente sobre o assunto. Conforme McLeish (2001, p. 43; 44)²⁵, há três tipos de entrevistas que podem ser utilizadas para o rádio: informativa, interpretativa e emocional. O objetivo da informativa é transmitir as informações sobre o fato. A interpretativa ocorre quando o entrevistador narra o fato e deixa para as fontes que elas comentem. Assim, o ouvinte pode interpretar. Já a emocional pretende passar a emoção dos entrevistados, dando ao ouvinte uma ideia do estado emocional deles. Nesse produto serão usados os três aspectos de categorização de entrevista, proposto por McLeish. O objetivo principal do produto é passar a informação, mas deixando que os próprios entrevistados narrem o que lhes foi transmitido por seus pais. Assim, também passará aos ouvintes a emoção das fontes, ao lembrarem-se de suas memórias e ao reavivarem aspectos da sua vida, já que a cultura é inerente ao ser humano.

7. Projeto do Programa

O programa terá duração de 20 a 30min, com quatro blocos, tendo vinheta de separação entre eles. Ainda não foi definida a ordem, mas um bloco será destinado às questões relativas à alimentação, outro aos contos/causos e os outros dois restantes aos aspectos religiosos. O intuito é deixar que a fala dos entrevistados esteja em primeiro plano no programa, tendo a locução um caráter secundário, meramente explicativo e introdutório. Essa decisão foi tomada porque, dessa forma, as fontes possuem maior liberdade e tempo de expor suas ideias, dando detalhes de como a cultura era praticada antigamente.

²⁵ MCLEISH, Robert. *Produção de Rádio: um guia abrangente da produção radiofônica*. 2 ed.. Vol. 62. São Paulo: Summus, 2001.



Pretende-se fazer a divulgação desse material em rádios da região oeste e meio-oeste catarinense, área pesquisada. O público-alvo é a população dessa região, independentemente de ter tido contato com esse fato histórico ou não. Portanto, a linguagem que deve ser utilizada no programa é de fácil entendimento e com palavras e expressões simples.

Referências bibliográficas

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. **Gêneros Radiofônicos**: tipificação dos formatos em áudio. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 1996.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed.. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FERRARO, Alceu Ravello. **Analfabetismo e Níveis de Letramento no Brasil**: o que dizem os censos? Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002008100003&script=sci_arttext. Acesso em 06 de junho de 2009.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2004.

MARQUES DE MELO, José (1999). **Luiz Beltrão**: pioneiro dos estudos de folkcomunicação no Brasil. Revista Latina de Comunicação Social, n. 21. Disponível em <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999dse/46beltrao.htm>. Acesso em 06 de junho de 2009.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**: um guia abrangente da produção radiofônica. 2 ed.. Vol. 62. São Paulo: Summus, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. **A Nova Era do Rádio**: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/eduardo-meditsch-discurso-radiojornalismo.html>. Acesso em 26 de abril de 2009.

MORIN, Edgard. **A Cultura de Massa no Século XX**: o espírito do tempo. São Paulo: Forense, 1967.

SATRIANI, Luigi M. Lombardi. **Antropologia Cultural e Análise da Cultura Subalterna**. Tradução de Josildeth Gomes Consorte. São Paulo: HUCITEC, 1986.